

BAL, Willy — *O destino de palavras de origem portuguesa num dialeto Quicongo*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra, XV (I-II) 1969 (1973). 53 p.

Inegável é atuação dos especialistas portugueses, principalmente aqueles vinculados a instituições que estiveram sob a direção do saudoso Prof. Jorge Dias, na divulgação de aspectos etnográficos das colônias portuguesas em África. Também não é possível deixar de lembrar a atividade de estudiosos, inclusive os chamados funcionários administrativos, que se interessaram e se interessam pelas denominadas línguas nativas africanas (1).

Mas, se estão a cuidar do estudo descritivo das línguas africanas, bem como da onomástica, tudo indica que não estão dando maior atenção às pesquisas sobre o contato entre línguas européias e línguas africanas, aliás tema de constantes investigações na África Negra de expressão francesa (2)

O estudo de Willy Bal, aqui resenhado, visa, como diz o próprio autor, a realçar “as conseqüências lingüísticas das relações entre povos românicos e negro-africanos desde a época dos descobrimentos até hoje” Não desdenhou, o professor da Universidade de Lovaina, do caráter pragmático de sua investigação, afirmando:

“... razão de interesse pertence à lingüística aplicada: a observação metódica das mudanças fonéticas que as importações sofreram ao integrarem-se no sistema dos idiomas nativos revela hábitos e tendências dos mesmos e o seu conhecimento é susceptível de servir para uma melhor adaptação do ensino da língua portuguesa em territórios africanos” (p. 2)

A investigação, realizada em 1963 através de inquérito oral, foi levada a cabo na República Democrática do Congo, na região de Kisantu, área de ocorrência do Quintando, dialeto Quicongo oriental, onde a difusão da língua portuguesa se deu por razões de ordem econômica: “O caminho que servia

---

(1) — O leitor poderá encontrar numerosos exemplos na *Contribuição para a bibliografia das línguas Bantu de Angola* de João de Almeida Santos, editada por Carlos Lopes Cardoso. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1966. 33 p.

(2) — Entre os poucos trabalhos publicados cumpre citar: de Manuel Martins A. de Moraes, “Contribuição para o estudo da influência do português na língua quicongo”, *Garcia de Orta*, Lisboa, 6 (1): 33-51, 1958; de Rodrigo de Sá Nogueira, *As línguas bantas e o português*, Lisboa, Instituto de Línguas Africanas e Orientais, 1952. 43 p.

para o tráfego entre a costa eo grande mercado sertanejo do Mpumbu (Stanley Pool), por São Salvador, lugar de etapa, atravessava a província de Nsundi pela região de Kisantu. Era uma importante via de comunicação utilizada pelos funantes portugueses e os seus pombeiros e também pelos mercadores indígenas, originários, na sua maior parte, da tribo dos Bazombo (em quicongo chama-se a esse caminho nzila (=caminho) Bazombo”

O corpo principal do trabalho de Willy Bal é dedicado ao estudo da adaptação fonética (p. 11-44), à análise dos aspectos morfo-sintáticos (p. 44-48) e a uma breve visão dos aspectos lexical e semântico (p. 48-51).

,Quanto às adaptações de ordem fonética, no que toca ao vocalismo, o autor deu maior atenção ao estudo da “redução do número das distinções vocálicas (por confusão de timbres, desnasalção, passagem dos ditongos a vogais simples), tanto na sílaba tônica do português, como nas átonas, o que é consequência absolutamente normal da adaptação a um sistema mais pobre de unidades fonéticas construídas na base de um dado sistema”

Especial destaque foi dado ao estudo do consonantismo, campo de mudanças mais numerosas e típicas que o vocalismo. Adverte o Autor ter registado: a manutenção de quase todas as surdas em posição intervocálica, isto é, fraca; a formação de nexos consonânticos não somente em posição inicial (forte), como também em posição intervocálica, e, o ensurdecimento de sonoras em posição intervocálica, processo oposto ao do enfraquecimento.

A seguir cuida da “reestruturação silábica, mutação fundamental e relevante que resulta de uma tendência geral para o empobrecimento estrutural: esta tendência, que normalmente procede da interferência lingüística, veio a ter uma realização completa nas importações do Quicongo e Quimbundo porque concordava exatamente com os padrões dos idiomas importadores.

Os substantivos, correntes no Quintando, de origem portuguesa, são em número de 122 (3). De pequena ocorrência são os verbos e os adjetivos.

A expressiva ocorrência da primeira classe de palavras pode ser facilmente explicada em virtude de estarmos frente a importações culturais, distintas das importações íntimas, como ensina Bloomfield. Os substantivos importados mantêm, com freqüência, o sentido original, observando-se poucos casos de restrição (especialização semântica) e extensão (generalização semântica) da significação.

*Erasmô d' Almeida Magalhães*

---

(3). — Como adendo, poderíamos repetir o que ensina Pierre Verger: “Nas línguas indígenas, onde faltam necessariamente todos os nomes aplicáveis a objetos de importação estrangeira pertencentes à civilização (européia), preencheram-se essas lacunas com palavras francesas, inglesas, portuguesas sobretudo e que foram, pouco a pouco, desnaturalizadas pelos indígenas e atualmente fazem parte do idioma” “Le fort St. Jean-Baptiste, d' Ajuda” *Mem. de l'Institut de Recherches Appliquées au Dahomey*, n.º 1, p. 15, 1966.